

“A escola não vai deixar!”: o spinner nas aulas de Educação Física

Jorge Luiz de Oliveira Junior

EMEF Raimundo Correia

O trabalho com o spinner ocorreu nas aulas de Educação Física em três turmas de 5º anos na EMEF Raimundo Correia, localizada na zona leste de São Paulo, no período de retorno do recesso escolar em julho de 2017. A experiência aqui relatada foi produzida em uma das turmas e durou 5 semanas. A escola funciona em dois períodos que acolhem turmas de 1º ao 9º anos do ensino fundamental. De uma forma geral, é perceptível uma intensa aproximação entre o corpo docente e administrativo da escola com as famílias e os estudantes, talvez, devido à longevidade do exercício da função de muitos professores e funcionários que lá trabalham.

No ano de 2017, o grupo docente se concentrou na reconstrução do Projeto Político Pedagógico da escola. O esforço do coletivo escolar foi possibilitar a participação dos estudantes e familiares nos caminhos que a escola deveria trilhar naquele ano e nos seguintes. Para isso, elaboramos questionários para serem respondidos e convidamos todos a participarem do processo. Ademais, fortalecemos as reuniões do Conselho de Escola e do Grêmio Estudantil com o intuito de garantir que os posicionamentos e vozes da comunidade sobre o assunto fossem representados no debate.

Iniciamos o ano letivo com o tema brincadeiras nos 5º anos. Após realizar o mapeamento, organizamos uma lista com as brincadeiras que as crianças conheciam e realizavam quando estavam fora do horário escolar. Assim, o trabalho no primeiro semestre discorreu sobre o compartilhamento e vivência de brincadeiras conhecidas pelos estudantes e as ressignificações realizadas por eles próprios de acordo com as características do grupo.

Entretanto, como a prática pedagógica do currículo cultural da Educação Física é orientada e alimentada constantemente por novos cenários e conhecimentos, com o iminente término do 1º semestre, um brinquedo havia conquistado espaço e dominado a atenção de crianças, jovens e, também, adultos no ambiente escolar: o spinner¹. Isso despertou minha curiosidade em saber um pouco mais sobre esse brinquedo e, após a

¹ Também conhecido como fidget spinner e hand spinner.

realização de algumas pesquisas na internet, notei que o spinner havia se tornado “febre”² entre crianças, jovens e adultos.

Com o retorno das aulas após o recesso escolar, realizei o mapeamento junto aos estudantes acerca dos conhecimentos referentes a esse brinquedo. No momento dessa atividade, muitas crianças tiraram dos seus bolsos diferentes spinners: com cores e formatos variados, com personagens de desenhos e filmes, com sons e luzes piscantes. Então questioneei a turma: “*Que brinquedo é esse e para que serve?*”. Diversas respostas surgiram como “*é um brinquedo da hora que fica girando*”, “*é um troço que tem que girar rápido*”. Outra criança disse: “*O spinner serve para desestressar, professor!*”. Essa última resposta me chamou a atenção devido a concordância geral da turma, ou seja, a turma significava esse brinquedo enquanto objeto que visava combater o stress.

Então, disse à turma que tematizaríamos o spinner naquele momento e, enquanto algumas crianças curtiram a ideia, outras ficaram desconfiadas. Uma delas disse: “*professor, a escola não vai deixar porque não faz parte da Educação Física*”. Intrigado por aquela resposta, solicitei que a estudante explicasse melhor e ela disse que em momentos anteriores, às vezes, alguns funcionários questionavam a legitimidade de temas trabalhados por outros professores de Educação Física. Registrei tal posicionamento para retomá-lo adiante.

Desse modo, esse trabalho visou, inicialmente, ampliar e aprofundar os conhecimentos relativos ao spinner, problematizar os significados atribuídos a ele com vistas à desconstruir os discursos que o produzem como um brinquedo que favorece o aprimoramento da concentração e que combate o stress. Os acontecimentos das aulas e algumas significações das crianças foram registrados em meu caderno, como também por meio de fotos e vídeos. Esses registros foram importantes para o constante replanejamento das aulas.

Na aula seguinte fomos à quadra vivenciar o spinner. Como a maioria das crianças possuía spinners ficou combinado que elas trariam os brinquedos para as aulas e, como alguns estudantes tinham mais de três spinners, eles foram compartilhados com quem não tinha. Observei variadas formas de manipulação do brinquedo. Enquanto alguns estudantes apenas o giravam rapidamente, outras tentavam girar e equilibrar em outras partes do corpo, realizavam giros e desafiavam os colegas da turma. Ao final

² Notícia disponível em <http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/febre-dos-fidget-spinners-conheca-brinquedo-giratorio-mais-popular-do-momento/>.

dessa aula, sugeri que as crianças pesquisassem sobre o spinner e trouxessem na próxima aula para compartilharmos.



Na outra aula algumas crianças trouxeram suas pesquisas. Todas versavam sobre a origem desse brinquedo. Uma história falava que Catherine Hettinger, que sofria de uma doença que causava fraqueza muscular, criou o spinner para poder brincar com a sua filha na década de 1990 nos EUA. Outra história pesquisada tratava de afirmar que o spinner foi inventado para que as crianças brincassem com algo que as acalmaria e reprimissem sua energia, evitando assim conflitos e confusões. Já outra história pesquisada dizia que o spinner havia sido criado para desestressar as pessoas e visava o aumento da concentração.

Após o compartilhamento dessas histórias com a turma, problematizei as diferentes significações atribuídas ao brinquedo evitando definir uma história como a verdadeira. Expliquei que as histórias que conhecemos sobre as coisas do mundo são contadas por alguns grupos e pessoas que, por meio de variadas forças, legitimam seus conhecimentos, e assim, parece ser a única história correta. Uma das crianças estabeleceu relação daquela problematização com a história do Brasil aprendida em outra disciplina. Ela disse que uma história conta que os portugueses “descobriram” o país, sendo que, quando eles chegaram aqui, eles dominaram e catequizaram os

indígenas que aqui habitavam. Ou seja, a narrativa altera de acordo com quem conta a história.

Busquei problematizar também o significado atribuído ao spinner como um brinquedo que pretendia combater o stress e aumentar a concentração. Ao questionar a turma sobre essa ideia, uma das alunas afirmou que o spinner visava essa ideia mesmo, porque o vendedor havia dito aquilo para a sua mãe. Nesse momento, a maioria da turma concordou com sua fala, pois haviam passado por situação semelhante. Outro menino falou que um vendedor no trem disse que o spinner “*além de desestressar, também ajudava as crianças a se concentrarem*”. Ao final desse momento, um aluno perguntou: “*Se o spinner é antigo, ele sempre foi dessa forma?*”. Assim, registrei atentamente essas significações para retomá-las em outro momento.

Nessa mesma aula, durante a vivência do spinner no espaço externo à escola, orientei uma atividade em que alguns grupos foram formados e tinham que vivenciar algumas manobras conhecidas e criar outras. Após um tempo, cada grupo compartilhou suas criações e manobras com os demais. Ao observar a criação das crianças, ao final da aula, problematizei com a turma sobre essas inúmeras possibilidades ressignificadas de brincar com o spinner, para além do simples giro em uma das mãos, e que isso tornava o brinquedo mais interessante para as pessoas. Também aproveitei para sugerir que as crianças nomeassem as manobras realizadas. Logo, apareceu “giro-pé”, “nose giro”, “larga-pega” e “larga-coxa”. Relacionei esse momento às competições de skate onde o skatista cria novas manobras, e quando o faz, ele as nomeia.



Em outro dia, levando em consideração algumas falas das crianças na aula anterior, trouxe vídeos do spinner. Em um deles, mostrava como era inicialmente o spinner³. Os outros mostravam youtubers realizando e ensinando manobras variadas

³ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yP586pbANlo>

com o brinquedo. Com o apoio do primeiro vídeo, retomei a fala de um aluno que havia perguntado se o spinner sempre teve esse formato. Já os outros vídeos serviram para apresentar outras possibilidades de brincar com o spinner. Em seguida, continuamos com o compartilhamento das manobras criadas, atividade iniciada na aula anterior, por outros grupos que ainda não haviam apresentado.

Na aula seguinte, fomos à quadra para brincar com o spinner e criar outras possibilidades para além daquelas já compartilhadas. Na segunda parte dessa aula, retomei o debate em torno do objetivo do spinner em combater o stress e aumentar a concentração. Expliquei que essa doença, apesar de ser construída na ciência por volta da década de 1930, foi no século XXI que passou a ser amplamente pesquisada pela medicina. Expliquei também a minha hipótese de que essa significação em torno do spinner serve também para que ele seja consumido e adquirido pelas pessoas.

Então, disse que o spinner, por ser um brinquedo como qualquer outro, era legal e as pessoas gostavam de brincar com ele não apenas para desestressar, mas também por ser divertido. Houve discordância por parte de alguns estudantes com relação ao meu posicionamento. Porém, quando questionados, afirmaram que brincavam com o spinner porque era um brinquedo “da moda” e era legal, negando a ideia de evitar o stress. Aqui percebi a força de alguns discursos circulantes e sua operação entre os sujeitos.

Continuei a problematizar essa característica atribuída ao spinner no sentido dele ter se tornado “febre” entre as pessoas para ser consumido e que logo mais, possivelmente, ele entraria em desuso. Após essa conversa, fizemos um breve levantamento de alguns brinquedos que surgiram e circularam entre as pessoas e depois sumiram. Dentre eles, citamos o Bay Blade, o Bat-Beg (também conhecido por bolimbolacho) e os Cards. Aproveitei o momento para falar que na minha infância o Ioiô patrocinado por marcas de refrigerante, o Tazo, brinquedo que vinha em pacotes de salgadinho e o bichinho virtual Tamagoshi foram alguns brinquedos que se tornaram “febre” e sucumbiram. Assim, disse à turma que os brinquedos surgem em determinadas épocas e locais para serem consumidos e depois desaparecem. Isso faz surgir outros brinquedos para ocupar o lugar dos antigos e assim por diante.

Entre uma aula e outra, um grupo de estudantes me procurou para mostrar, no celular de um deles, vídeos que haviam pesquisado na internet que ensinam a montar o próprio spinner com materiais de fácil acesso. Eles disseram que seria interessante que a turma passasse por essa experiência. Então, de posse desses vídeos, apresentei à turma na aula seguinte. Solicitei que as crianças anotassem os materiais necessários como

palito de dente, capa dura de caderno, tesoura e canetinhas coloridas, e que trouxessem para a próxima aula.



Entretanto, na semana antecedente à atividade de confecção dos nossos spinners, houve uma confusão na turma durante a aula da professora regente com relação aos brinquedos. Como ainda desconhecia o fato, uma funcionária da escola me procurou para confirmar se realmente eu estava tematizando isso nas aulas de Educação Física e se eu havia pedido que trouxessem os spinners para a escola. Com a minha resposta afirmativa, ela demonstrou espanto e disse que haviam quebrado o spinner de uma aluna e que a professora chamou a funcionária para tentar resolver o problema. Além disso, a funcionária me questionou se isso fazia parte das aulas de Educação Física e disse que eu deveria ensinar futebol, vôlei e queimada, práticas corporais que ela fazia quando estava na escola.

Aproveitei aquele momento para dialogar com ela sobre o ensino da Educação Física atualmente, questionando-a sobre o porquê algumas práticas corporais terem espaço privilegiado no currículo escolar enquanto outras serem negadas. Conversamos também sobre a presença desse brinquedo no universo cultural dos estudantes e que por isso merecia espaço nas aulas de Educação Física, pois seria interessante que as crianças compreendessem as significações em torno desse brinquedo. Ao final da conversa, a funcionária ainda parecia desconfiada, mas percebeu que fazia parte do meu plano de ensino.

Levando em conta a situação ocorrida, no início da outra aula, antes mesmo de confeccionarmos nossos spinners, dialoguei com a turma sobre a conversa que tive com a funcionária no sentido de explicar que o spinner era um brinquedo não legitimado pela escola e que isso causava estranhamento em algumas pessoas. Retomando a situação do início da tematização, em que uma aluna havia falado que a escola não deixaria brincar

de spinner nas aulas, disse que a tendência é negarmos aquilo que desconhecemos inicialmente, mas após conhecermos, passamos a aceitar.

Ao estabelecer um diálogo comigo, uma das crianças falou que o spinner também “*serve para aumentar a concentração dos alunos na aula*” e isso implicava na possível aceitação do brinquedo por parte da escola. Nesse instante, outra aluna disse que viu uma reportagem na televisão que apontava em outro sentido: “*Não é nada disso. Eu vi na TV que o spinner tira a atenção dos alunos e eles não fazem a lição*”. Quando questionei a turma sobre esses assuntos, pareceram estar divididos. Então, registrei essas significações para retomá-las em outro momento e partimos para a fabricação dos nossos spinners em grupos.



No início da outra aula, retomei algumas significações das crianças com relação a esse brinquedo. Apresentei o livro “Vida para consumo” (2008), de Zygmunt Bauman, para a turma e disse que esse autor discute sobre a necessidade do consumo pelas pessoas, a sociedade consumista e a efemeridade das relações estabelecidas. Problematizei novamente com a turma sobre a ideia do spinner enquanto produto a ser consumido e que, por isso, possivelmente, ele entraria em desuso em seguida. Um aluno

acompanhando o debate gerado na aula disse que a “tia da coxinha⁴” havia feito uma promoção: quem comprasse 15 coxinhas ganhava um spinner amarelo. Aproveitei a fala dele para retomar a ideia trazida no livro de que as pessoas que adquiriam essa promoção, às vezes, nem queriam comer as coxinhas, mas as compravam por causa do spinner, por ter se tornado o brinquedo “da moda”, logo, precisava ser consumido. O aluno mesmo confirmou que havia comprado as coxinhas com essa intenção.

No embalo dessa conversa, projetei duas notícias que abordavam as significações em torno do spinner anunciadas na aula anterior⁵ e fizemos a leitura coletiva. A primeira tratou sobre a preocupação de professores e escolas com relação ao spinner, ou seja, uma notícia que ia contra o spinner. A outra versou sobre a melhora da concentração das crianças com o uso do spinner, isto é, se posicionou a favor do brinquedo. Apontei para as diferentes significações em torno desse brinquedo, afirmando que elas alteram de acordo com o interesse e experiências das pessoas que narram essas significações. Por isso, há quem defenda o uso do spinner e há quem seja contra a sua prática.

Com a aproximação do fechamento da tematização, um grupo de crianças da turma participantes do projeto “Raimundo News”⁶ me procuraram para dizer que queriam produzir uma matéria jornalística sobre o spinner nas aulas de Educação Física. Por ter achado a ideia interessante, disse que as ajudaria no que precisassem. Após, conversei com a professora orientadora do projeto que também se mostrou favorável com o trabalho conjunto.

Desse modo, na outra aula anunciei à turma a ideia de produzir o material jornalístico sobre o spinner e a experiência vivenciada nas aulas de Educação Física. As crianças gostaram da ideia e então, em duplas, iniciamos a elaboração de textos que narrassem a experiência com o brinquedo nas aulas.

Meses após o fechamento da tematização, o jornal com a notícia sobre o spinner nas aulas foi produzido e espalhado pela escola. Nesse momento, em uma das aulas na

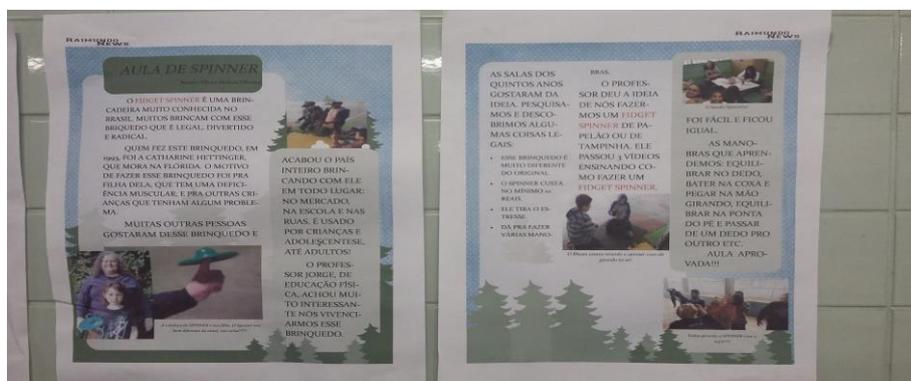
⁴ Termo anunciado pelas crianças para um comércio de salgados próximo à escola.

⁵ Notícias disponíveis em: <http://hojeemdia.com.br/horizontes/spinner-na-m%C3%A3o-aluno-sem-aten%C3%A7%C3%A3o-brinquedo-invade-salas-de-aula-e-preocupa-professores-1.537754> e

<https://blogs.tribuna.com.br/maissaude/2017/06/figet-spinner-o-novo-jogo-das-criancas-que-pode-ajudar-na-concentracao-e-atencao/>

⁶ Esse projeto ocorria no contraturno do período das aulas. Tinha como objetivo reunir dados e produzir matérias que seriam publicadas no jornal da escola sob a orientação de uma professora.

turma, retomei uma breve conversa sobre a tematização do spinner e questionei suas opiniões sobre a matéria produzida pelo grupo participante do projeto. A turma, de uma forma geral, curtiu a matéria publicada, pois perceberam que foram participantes do processo.



Porém, nesse período o spinner já havia “sumido” do cotidiano das pessoas. Um aluno fez questão de pontuar isso: “A matéria ficou legal, professor, mas agora o spinner já era”. Outra criança falou: “O meu spinner está guardado, porque enjoiei de brincar”. No meio dessas falas, uma aluna disse que viu no facebook os possíveis substitutos do spinner: o Thumb Chuks, que é parecido ao Bat-Beg, mas com luzes, e o Hand Stick, que se assimila a um pequeno bastão. A mesma aluna afirmou que esses brinquedos “não vingaram” e sua hipótese era que as pessoas não viram “graça” neles.

Certo de que essa não seja uma relação causa-efeito, nesse instante observei que as problematizações realizadas ao longo da tematização podem ter influenciado nas significações da turma com relação ao spinner. E isso me auxiliou a visualizar o caminho percorrido.

Finalizando, ao olhar atentamente os registros dos acontecimentos, observar as aulas e analisar e problematizar com a turma algumas significações acerca do brinquedo, considero que essa tematização contribuiu para realizarmos ressignificações em torno do spinner. Destaco que as significações atribuídas ao brinquedo ao longo das aulas alimentaram o trabalho por meio de novas problematizações realizadas. Além disso, as discussões em torno da necessidade de consumo presente em nossa sociedade auxiliaram as crianças a compreenderem o funcionamento dessa dinâmica construída culturalmente com relação à efemeridade de objetos e situações vividas diariamente.